



## GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora/a, Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenador/a

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

### **A resili?ncia como possibilidade interpretativa para situa?es de ang?stia e sofrimento em contextos de amea?a de remo?o de moradias**

**Autoria:** Anelise dos Santos Gutterres

Minha proposta ? pensar as potencialidades e os limites da no?o de resili?ncia enquanto possibilidade interpretativa sobre o sofrimento e seus efeitos. Pesquisando a partir das narrativas de luta contra as remo?es de moradia em diferentes cidades brasileiras durante o per?odo que antecedeu a realiza?o dos ?megaeventos? me aproximei da no?o de resili?ncia como uma possibilidade ?tica de reflex?o. Tal como se apresentou em minha etnografia, a amea?a de perda da casa foi ?gatilho? para v?rias outras narrativas de sofrimento, que articulavam relatos de diferentes deslocamentos for?ados vividos pelas narradoras ou por pessoas pr?ximas; les?es por atendimentos de sa?de precarizados; relatos de mortes e invas?es de moradia em opera?es policiais; obras de urbaniza?o inconclusas. Por interm?dio deste evento cr?tico ? a amea?a de remo?o ? a vida relatada apresentou-se fragmentada em ??pocas brabas?, dif?ceis, mas que evocaram sempre um sentido de supera?o. Compreendi esses relatos, todos eles atravessados pela minha presen?a e pela minha escuta, como narrativas de resili?ncia. Que organizavam a legitimidade da moradia: demarcando a casa como possibilidade de enraizamento, como crucial na centraliza?o de afetos, trajet?rias e projetos de vida. E onde diferentes modalidades de sofrimento tornavam-se sacrif?cios; que nominados, eram parte da din?mica de uma luta pelo reconhecimento. Concordamos que a no?o de resili?ncia pode assumir um car?ter ?conservador e apol?tico? (MacKinnon e Derickson 2013) quando apropriada por ag?ncias estatais e pelo universo corporativo, j? que colocam sobre os indiv?duos, comunidades e lugares, o ?nus de se tornarem mais adapt?veis. Seguimos, todavia, tanto uma perspectiva que dialoga com as proposi?es de Veena Das, cuja ?nfase no fragmento auxilia na compreens?o de como determinados cotidianos s?o habitados; quanto de Michel Lemay e Boris Cyrulnik que enfatizam que ser resiliente n?o significa sair ileso, n?o significa ser invulner?vel, mas tornar-se capaz de acomodar vest?gios. Compreendendo que os sofrimentos narrados s?o efeitos de uma necrogovernan?a que produz na perda, na amea?a, na dor e na ang?stia as condi?es em que



a vida é vivida para uma população - majoritariamente negra - que habita as favelas; minha proposta é pensar coletivamente a eficácia da resiliência enquanto enquadramento para o processo de elaboração dessas dores. Também gostaria de refletir se esta escolha interpretativa não narraria paralelamente uma tentativa de transposição dos sentimentos compartilhados em situações de interlocução; como forma de acomodação das experiências de transformação e escuta diante da dor do Outro; diante do esforço das narradoras em acomodar perdas e sofrimentos em um cotidiano de pequenos sacrifícios.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

